

- LIBERALI, F. C. Argumentative Processes in Critical Reflection. In: *The ESP Vol. 21, No. 1*. São Paulo, 2000. p. 69-85.
- MAGALHÃES, M. C. C. Projetos de Formação Contínua de Educadores para uma Prática Crítica. In: *The ESP Vol. 19 nº 2*. São Paulo, 1997. p. 169-184.
- MOITA LOPES, L. P. & CAVALCANTI, M. C. Implementação de Pesquisa na Sala de Aula de Línguas no Contexto Brasileiro. In: *Trabalhos em. Cam-Linguística Aplicada., Campinas, (17): Jan./Jun. 1991*. p. 133-144.
- MOITA LOPES, L. P., FREIRE, A. M. da F. Looking Back Into an Action-research Project: teaching/learning to reflect on the language classroom. In: *The ESP Vol. 19 nº2*. São Paulo 1998. p. 145-167.
- PERRENOUD, P. A Prática Reflexiva no Ofício de Professor: *Profissionalização e Razão Pedagógica*. São Paulo: Artmed, 2001. 216 p.
- ROCHA, L. L. & FREIRE, A. M. da F. O Professor em Formação e o Conflito de Currículos: Uma experiência de pesquisa-ação. In: *Linguagem & Ensino, Vol. 4, No. 2*, 2002. p. 93-105.
- THIOLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 1986.
- WEININGER, M. Do áquario ao mar aberto: Mudanças no papel do professor e do aluno. In: *LEFFA, V. O Professor de Línguas Estrangeiras - construindo a profissão*. Pelotas: EDUCAT. 2001. p. 41-68.

UMA BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE O MORFEMA "WA" DA LÍNGUA JAPONESA, DO PONTO DE VISTA DE SUAS PERSPECTIVAS MÚLTIPLAS – NO ENSINO DA GRAMÁTICA COMO L2/LE*

Yuki Mukai
UnB

to be able to outline the peculiar and complex characteristics of a linguistic phenomenon more completely and firmly, but also for the learner to be able to understand them clearly and systematically.

Keywords: SLA/Foreign language acquisition; multiple linguistic perspectives; Japanese Language's grammar teaching; Japanese grammatical particle "wa".

0. Introdução

Este trabalho tem como objetivo corroborar a posição teórica referente ao ensino de L2, apresentada por Scarcella & Oxford (1992: 248), segundo a qual "a gramática é a base do ensino da língua comunicativa (a ênfase é nossa)", principalmente para os aprendizes adultos, sobretudo para os estudantes universitários. Em outras palavras, a gramática é um dos fatores mais importantes não apenas para a língua escrita, mas também para a língua falada.

Resumo: Para o ensino e a aquisição de uma L2/LE, a gramática no sentido restrito (i.e., os fatores morfosintáticos) é fundamental, porém, deve-se abordá-la à luz de perspectivas linguísticas múltiplas, tais como a perspectiva semântica, pragmático-funcional, cognitiva, para que não apenas os professores possam traçar as características peculiares e complexas de um fenômeno linguístico, de forma mais completa e segura, mas que também os aprendizes possam compreendê-las de forma clara e sistematizada.

Palavras-chave: aquisição de L2/LE; perspectivas linguísticas múltiplas; ensino da gramática da língua japonesa; morfema gramatical "wa" da língua japonesa.

Abstract: The grammar in the restrict sense (i.e., the morpho-syntactic factors) is fundamental for the SLA/foreign language acquisition and teaching, but it is also necessary to consider it from the multiple linguistic perspectives as a semantic, pragmatic-functional and cognitive perspective in order for not only the teacher

1) Neste estudo, a L2 refere-se não apenas à segunda língua, mas também à língua estrangeira-alvo (LE), em sentido amplo. Entretanto, normalmente, se diferenciam essas duas noções. Ex.: caso se aprenda o inglês nos países ou sociedade em que se fala/utiliza a mesma língua → L2; caso se aprenda o inglês nos países ou sociedade em que não se fala/utiliza a mesma língua → língua estrangeira-alvo (LE).

Acredita-se, pois, que, mesmo em sala de aulas práticas, será difícil construir uma frase, comunicar ou explicar um fato, tanto simples quanto complexo, em língua não-materna (i.e., L2/LE), sem o conhecimento básico da gramática de L2/LE.

Esse enfoque para o ensino de L2/LE, porém, não significa a desconsideração de outros fatores, tais como o sócio-cultural, o pragmático-conversacional. Como bem aponta Ellis (1996: 1), há duas posições distintas quanto à abordagem para as pesquisas sobre a aquisição de L2: 1. a linguística, em particular, a gramática; 2. a sociolinguística, inclusive a pragmática como os atos de fala. Assim, ficou claro que nossa posição referente ao ensino de L2/LE encontra-se alicerçada no primeiro item mencionado acima².

Para nossa análise, elegeamos o morfema gramatical wa da língua japonesa moderna, pois a maioria dos estudantes estrangeiros sente dificuldades em utilizar corretamente o wa (principalmente, trocando-o pelo morfema gramatical ga, do caso nominativo)³, porque esses morfemas não existem em outras línguas ocidentais (e.g., o inglês, português etc.).

2) Estamos conscientes de que os fatores sócio-cultural e pragmático-conversacional são indispensáveis, principalmente, para a "análise" de uma língua-alvo, porém, acreditamos que a gramática é um dos fatores mais importantes para a "aquisição" e o "ensino" de uma L2/LE, concordando com a posição apresentada por Scarcella & Oxford (1992).

3) Isto se deve ao fato de que o morfema wa surge, frequentemente, com a função de sujeito gramatical da sentença. Cf. Capítulo IV de Mukai (2003).

4) Convém lembrar que a língua japonesa é uma das línguas aglutinantes [kōchakugo]. 5) Cabe lembrar que a construção típica de uma sentença em japonês é "sujeito gramatical + complemento(s) verbal(-is) + predicado".

6) Yōgen: vocábulos notionais-relacionais flexionáveis, isto é, verbos [dōshi], adjetivos [keiyōshi] e yōgen auxiliares [hojyōyōgen, isto é, verbos/adjetivos auxiliares]. O termo "noção-relacional" diz respeito aos vocábulos que contêm, concomitantemente, elementos notionais e relacionais. Em português, corresponderiam aos verbos e adjetivos.

kakujoshi [morfemas de caso⁷], os quais têm a função de ligar um conteúdo referencial a outro apenas para concatená-los. Isso significa que os kakujoshi inclusive o wa estão relacionados não só ao nível frasal (como a maioria dos morfemas de caso), mas também ao nível discursivo, o que nos leva a afirmar que não é possível analisar o wa apenas no nível da frase.

Em resumo, os morfemas desta categoria, sendo colocados em posição intra-frasal, influem sobre o yōgen, ou seja, modificam o predicado, e, ao mesmo tempo, exigem um chinjutsu [asserção/concatenação final] determinado.

2. Aspecto morfossintático do wa

O morfema wa se acopla a vários tipos de classe de palavras, tais como pronomes, substantivos, alguns morfemas de caso [kakujoshi] e de limitação [fukujoshi], advérbios etc. Por isso, sua característica morfológica parece complexa, mas sua essência, do ponto de vista morfossintático, é simples: o wa junta-se ao sintagma adverbial, mas não se junta ao sintagma

adnominal. Eis dois exemplos dados por Watanabe (1971: 173) (as ênfases são nossas):

(1) Nagasakiewa kon'ya shuc-chōsuru. [Para Nagasaki, vou, a serviço, esta noite.] [substantivo próprio + morfema de caso que indica direção e + wa]

(2) *Furansugonowa hon [*um livro do francês] [substantivo + morfema de caso genitivo no + wa]

Em termos sintáticos, o wa encontra-se em posição extra-jutsugo yōgen [yōgen que constitui o predicado] da oração principal (já que o wa tem por função modificar esse jutsugo yōgen), ou seja, concatenar o componente "Xwa" com o jutsugo yōgen. Pode-se dizer, ainda, de outra maneira, que o wa separa os enunciados em duas partes - a categoria de argumento e a de predicado⁸.

Vejam os alguns exemplos⁹, enfocando as relações morfossintáticas do wa:

(3) Watashiwa // sono hitowo tsuneni senseito yonde ita. [Eu // sempre chamava essa pessoa de professor.] [prônimo pessoal + wa]

(4) Jūmyōwa // wakarimasen ne. [O tempo de vida, // não o sei.] [substantivo + wa]

7) Exemplos dos morfemas de caso [kakujoshi]: ga [caso nominativo/marcador de sujeito gramatical]; wo [caso acusativo/marcador de objeto direto]; ni [caso dativo/marcador de objeto indireto]; no [caso genitivo] etc.

8) Exceção: Quando o morfema wa ligar-se à forma adverbial [ren'yōkei] do auxiliar verbal "da" (que exprime a asserção do locutor) e ao morfema conjuntivo "te" (que exprime condição etc.), o wa não pode estabelecer a categoria de argumento em função desse auxiliar verbal e morfema conjuntivo. Quanto aos detalhes, ver itens 4.2.1.1.2. e 4.2.1.1.3. do capítulo IV de Mukai (2003).

9) Exemplos colhidos da obra Kakoro (Coração), de Sōseki Natsume, 150. ed. Toquio: Kadokawa Shoten, 1990 (1. ed., 1951). As ênfases nos exemplos são nossas.

- (5) [...] *sotoewa // denakatta*. [...] para fora, // não sai. (morfema de caso que indica direção + wa)
 (6) *Sukoshiwa // chūshinakucha*. [Pelo menos um pouco, // é preciso tomar cuidado.] (advérbio + wa)
 (7) [...] *watashino hōdemo fukakuwa // kikazuni oita*. [...] de minha parte, também fiquei sem perguntar // detalhadamente. (adjetivo fukai na função adverbial [ren'yōkei] + wa)

3. Aspecto sintático-semântico do wa

Neste item, ressaltaremos apenas as quatro seguintes características peculiares de wa, do ponto de vista sintático-semântico:

1. a de que, diferentemente dos demais morfemas de caso, o morfema wa não marca um caso determinado;
2. a de que o morfema wa é marcador de topicalização, razão pela qual a frase "Xwa Y" compõe-se da estrutura binária de tópico ("X") e foco/comentário ("Y") ou tema ("X") e rema¹⁰ ("Y"). O componente "Xwa" não coincide, necessariamente, com o sujeito gramatical, e vice-versa, podendo-se dizer que a estrutura "Xwa Y" está ligada mais à noção da estrutura

10) Os termos "tema" e "rema", aqui utilizados, referem-se às noções introduzidas pela Escola Funcionalista de Praga.

11) Na verdade, para a identificação das funções de wa, a análise do ponto de vista pragmático predomina sobre a de outros pontos de vista lingüísticos. Cf. Capítulo IV de Mukai (2003).

12) Segundo Koch (2000: 63), a frase é "uma entidade abstrata suscetível de uma infinidade de realizações particulares (equivalendo ao 'sentence-type' dos ingleses)".

Vale ressaltar, aqui, os seguintes cinco termos que Fukasawa (1991: 13-14) definiu: 1. Frase [bun] – "será considerada a ocorrência de um conjunto de palavras conforme regras da sintaxe, uma entidade lingüística abstrata, fora de qualquer situação de discurso"; 2.

iguais, isto é, o significado dessas frases é idêntico (embora o objeto direto do exemplo (9) seja deslocado à esquerda)¹³.

Entretanto, o tópico sentencial [shudai] de cada frase é diferente no nível sintático: a maioria dos teóricos japoneses (cf. Mikami, 1953; Tanbo, 1986; Saji¹⁴, 1991, dentre outros) afirma do ponto de vista sintático que, caso haja mais de um wa na frase, o primeiro wa desempenha a função de indicar o tópico sentencial, e o segundo o tópico contrastivo [taihi]¹⁵.

Analisemos, agora, do ponto de vista semântico, os mesmos exemplos ((8) e (9)):

[Análise semântica]

Agente [shutai] = *watashi*

Enunciado [hatsuwai] – "será considerado como uma realidade empírica, isto é, manifestação das frases, pois opera no nível da manifestação do conteúdo do ato de linguagem"; 3. Enunciação [hatsuwakōi, hatsugen, chirijutsu] – será considerada como "a atualização de um enunciado num contexto real, ou seja, como o próprio ato de produzir enunciados, determinado pelas intenções de significação do locutor, dirigidas a seu destinatário"; 4. Significação [imi] – será entendida como "o valor semântico da frase – como o seu valor de verdade ou a comprovação referencial que independe de qualquer determinação contextual"; 5. Sentido [igi] – será entendida como "valor semântico do enunciado, isto é, como a significação em situação de enunciação, revestida de argumentatividade".

13) Neste caso, o objeto direto ("ringo") da frase (9), sendo anteposto ao sujeito gramatical ("watashi"), foi topicalizado e por consequência, o morfema de caso acusativo wa foi substituído pelo morfema wa, isto é, o wa pode atribuir a função de apresentar o tópico (sentencial ou contrastivo) aos componentes de casos, tais como os casos acusativo, dativo, locativo etc. Mikami (1960: 8) denominou essa função de "wa no kenmu [função superposta de wa; substituição de caso]". Para o autor, a função principal de wa [wa no honmu] é concluir uma frase, função que corresponde à concatenação final.

14) Saji (1991) ressalta que, caso haja mais de um wa na frase, apenas o primeiro wa pode ser tópico sentencial, tendo a função de concatenar o rema inteiro, isto é, a de modificar toda a frase, o que levou o autor a designar o primeiro componente "Xwa" de "daizenitei [premissa maior]".

15) O conceito de "contraste" consiste na função de acarretar um sentido contrastivo/sugestivo "X₂" a partir do elemento/componente "X₁" (no caso do exemplo [8], o elemento "X₁" é "ringo"). Observa-se que, em função do segundo wa da frase, colocamos a expressão implicada (aquilo que está contido na proposição, sem ter sido expresso formalmente) dentro de parênteses (isto é, "X₂"), podendo-se, assim, dizer que o elemento/componente "X₂" não será expresso, necessariamente, em termos de formas lexicais.

sua função depende mais dos papéis semânticos [imiyakuwari] dos elementos acoplados ao wa, isto é, agente, paciente etc (cf. no. 4 das "características peculiares de wa", neste item).

Por exemplo, o teórico Tanbo (1986) afirma que o agente (acoplado ao wa) desempenha a função de indicar mais o tópico sentencial, e o paciente (acoplado ao wa), o tópico contrastivo. Assim sendo, pode-se afirmar que, no caso do seguinte exemplo (Tanbo, 1986: 15), o componente acoplado ao wa indica o tópico contrastivo, sendo "ringo" o paciente segundo os respectivos papéis semânticos:

(10) Ringowa tabemasu. [A maçã, comerei/comerá]¹⁶.

4. Aspecto pragmático-discursivo do wa

Matsushita (1930), por exemplo, afirma, do ponto de vista pragmático-discursivo, que o locutor utiliza o morfema wa para introduzir um elemento em comum ou compartilhado pelos interlocutores (i.e., informação compartilhada/dada), supondo que o destinatário deva possuir o

conhecimento desse elemento em uma dada situação de discurso¹⁷. Em outras palavras, o morfema wa reflete a pressuposição ou suposição dos interlocutores com relação à informação ou conhecimento que os mesmos possuem no momento da enunciação.

Vejamos os exemplos levantados por Matsushita (1930: 342):

(11) Shachôno Endô-wa watashidesu. [O presidente Endô sou eu.]

(12) Watashiga shachôno Endôdesu. [Eu é que sou o presidente Endô.]

Nota-se que o locutor enunciou a frase (11), (pre-)supondo que o nome do presidente já é do conhecimento do destinatário (i.e., informação compartilhada/dada), ou seja, o destinatário não sabia quem era o presidente na realidade (sabia apenas pelo nome), razão pela qual o foco sentencial consiste do componente "watashidesu [sou eu]".

Segundo Matsushita, se trocarmos a ordem do tópico e foco sentencial do enunciado (11), obteremos a formação do enunciado (12). Observa-se então, que o morfema de caso ga está rela-

16) Neste exemplo, não é possível identificar o agente, pois as flexões do yôgen (em português, correspondem a verbos e adjetivos) da língua japonesa diferem da conjugação verbal do português, a qual varia de acordo com o número, pessoa, tempo e modo. No caso da língua japonesa – que é uma das línguas aglutinantes, o número e a pessoa serão definidos pelo sujeito gramatical (ou da ação) ou pelo contexto; o tempo e o modo, por sua vez, serão expressos por adjuntos adverbiais ou pelos auxiliares verbais [jodôshi] que indicam voz, aspecto, tempo, modo etc.

17) Nessa análise revelou que apenas o morfema wa que indica o tópico sentencial está relacionado aos elementos dados (i.e., aquilo que contém informações dadas), e o wa que indica o tópico contrastivo pode ligar-se aos elementos dados ou novos (i.e., aquilo que contém informações novas) (cf. Capítulo IV de Mukai, 2003). Ex.: Ôzeino hitowa pâfîni kimashitaga, omoshiroi hitowa hitorimo imasendeshita [Muitas pessoas vieram à festa, mas não havia nenhuma pessoa interessante.] ([4] b) de Inoue, 1979: 30) (As ênfases são nossas.)

6. Considerações finais

Para melhor compreensão das funções do morfema wa neste trabalho procuramos fazer uma breve análise lingüística sobre o mesmo morfema, à luz das perspectivas lingüísticas múltiplas, ressaltando, ainda, o fato de que os aspectos morfossintáticos são mais importantes do que outros para a aquisição e o ensino da L2/LE, principalmente, para que os aprendizes adultos possam formar/expressar corretamente uma frase na língua escrita e falada, e compreender o input da língua-alvo. Em outras palavras, sem o conhecimento básico das regras gramaticais, não se estabelecerá a comunicação tanto escrita quanto falada, razão pela qual nos apoiamos na posição teórica de que a gramática é a base do ensino da língua comunicativa.

Porém, verificamos que o ensino do morfema wa não poderá ser realizado apenas do ponto de vista restrito (i.e., da gramática tradicional), porque o wa está ligado ao nível pragmático-discursivo, ou seja, o wa está relacionado à (pre-)suposição dos interlocutores com relação ao conhecimento/informação dos interlocutores, ao contexto situacional (inclusive anterior/posterior) do texto/discurso, ao ambiente físico etc.

Podemos concluir então que, para a aquisição e o ensino de uma L2/LE, a gramática no sentido restrito (i.e., os

cionado à noção de foco, do ponto de vista da estrutura informacional.

Assim sendo, fica evidente que, dentro do contexto acima, não é possível o locutor enunciar "Watashiwa shachôno Endôdesu [Eu sou o presidente Endô.]" (mesmo esse enunciado sendo correto gramaticalmente), considerando a si próprio como informação dada.

5. Aspecto pragmático-cognitivo do wa

Conforme afirma Iwasaki (1987: 110), "the most relevant pragmatic concept that characterizes a noun phrase marked with wa is 'identifiability'. The referent of such noun phrases must be identifiable before they can take wa marking". Em outras palavras, o referente "X" do sintagma nominal "Xwa" deverá ser identificável para os interlocutores, no contexto situacional ou ambiente físico¹⁸ onde os interlocutores estão envolvidos.

Vejamos o seguinte exemplo¹⁹:

(13) Kono honwa, chichiga katte kuremashita. [Este livro, o meu pai comprou para mim.]

Observa-se que o locutor está mostrando ou apresentando para o destinatário, o livro que seu pai comprou, em uma dada situação de discurso. Ficou claro então, que o locutor enunciou o sintagma nominal acoplado ao wa, identificando o referente introduzido no ambiente físico.

18) Silveira & Feltes (1997: 35) afirmam que "as suposições que constituem o contexto advêm do discurso anterior, do ambiente físico, do conhecimento enciclopédico ativado por entradas lexicais", ressaltando que "as informações dadas formam o conjunto de suposições que constituem o ambiente cognitivo do indivíduo (1997: 40)".

19) Mikami, 1960, p. 9.

fatores morfosintáticos) é fundamental, mas devemos considerá-la à luz de perspectivas linguísticas múltiplas, tais como a perspectiva semântica, pragmático-funcional, cognitiva, para que nós, professores, possamos traçar as características peculiares e complexas de um fenômeno linguístico, de forma mais completa e segura, e para que também os aprendizes possam compreendê-las de forma clara e sistematizada²⁰.

Referências Bibliográficas:

- BEEBE, L. M. (Org.). *Daini gengo shōtoku no kenkyū* (Issues in Second Language Acquisition). Tradução: Yūji Ushiro & Yasuyuki Sakuma. 1. ed. Tóquio: Taishōkan Shoten, 1998.
- Tradução de: *Issues in Second Language Acquisition: Multiple Perspectives* (Ed. original: New York, Newbury House/Harper & Row, 1988).
- ELLIS, R... *Daini gengo shōtoku josetsu* (The Study of Second Language Acquisition). Tradução: Tomoko Kaneko. 1. ed. Tóquio: Kenkyūsha, 1996. Tradução de: *The Study of Second Language Acquisition* (Ed. original: Oxford, Oxford University Press, 1994).
- FUKASAWA, L. M. *O Sistema de estruturação das modalidades na língua japonesa - Os auxiliares verbais e os morfemas finais*. São Paulo, 1991. 434 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- NOUE, K. *Furui jōhō/atarashii jōhō* (Informação dada/nova). *Gengo* (Língua), Tóquio, Taishōkan Shoten, v. 8, n. 10, p. 22-34, out. 1979.
- IWASAKI, Sh. *Identifiability, scope-setting, and the particle wa: A study of Japanese spoken expository discourse*. In: HINDS, John, MAYNARD, Senko K. e IWASAKI, Shoichi (Orgs.). *Perspectives on Topicalization: The Case of Japanese "Wa"*. 1. ed. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 1987, p. 107-141.
- KOCH, VILLAÇA. *Argumentação e linguagem*. 6. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- MATSUSHITA, D. *Hyōjun nihon kōgohō* (Regras gramaticais da língua falada do japonês padrão). *Reed. aum. e org. por Masanobu Takuda*. Tóquio: Benseisha, 1977 (Ed. original, 1930).
- MIKAMI, A. *Gendaigohō josetsu - Shintakusu no kokoromi - (Introdução às regras gramaticais do japonês moderno - Uma tentativa para a Sintaxe)*. 1. ed.
- 20 Estamos conscientes de que, para a aquisição e o ensino de uma L2/LE, será indispensável o segundo item levantado por Ellis (1996: 1) (ver a introdução, de nosso artigo), isto é, os fatores sociocultural, pragmático-conversacional como os atos de fala, embora não tenha sido possível dar conta de tal tarefa em nosso trabalho, ficando, portanto, aquelas pesquisas postergadas, como tema de estudos futuros.

Tóquio: Tōe Shoin, 1953.

MIKAMI, A. *Zō wa hana ga nagai* (O elefante, sua tromba é longa). 24. ed. Tóquio: Kuroshio Shuppan, 1996 (1. ed., 1960).

MUKAI, Y. O morfema de topicalização "wa" - um breve histórico. In: *Estudos Japoneses*, São Paulo, Centro de Estudos Japoneses da Universidade de São Paulo, v. 22, p. 113-145, 2002.

MUKAI, Y. O morfema "wa" da língua japonesa: suas funções do ponto de vista da estrutura informacional. São Paulo, 2003, 355 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Japonesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

NODA, H. Bun no kaisō kara mita shudai toritate (Tema e topicalização, do ponto de vista das camadas da frase). In: MASUOKA, Takashi, NODA, Hisashi e NUMATA, Yoshiko (Orgs.). *Nihongo no shudai to toritate* (Tema e topicalização da língua japonesa). 2. ed. Tóquio: Kuroshio Shuppan, 1997 (1. ed., 1995).

SAJI, K. *Nihongo no bunpō no kenkyū* (Estudos da gramática da língua japonesa). 3. ed. Tóquio: Hitsuji Shobō, 1996 (1. ed., 1991).

SCARCELLA, R. C. & OXFORD, R. L. *Daini gengo shōtoku no riron to jissen - Tapestry/Approach* (The Tapestry of Language Learning: The Individual in the Communicative Classroom). Tradução: Takayoshi Makino et al. 1. ed. Tóquio: Shōhokusha, 1997. Tradução de: *The Tapestry of Language Learning: The Individual in the Communicative Classroom* (Ed. original: Massachusetts, Heinle & Heinle Publishers, 1992).

SILVEIRA, J R C da & FELTES, H. P de M. *Pragmática e cognição: a textualidade pela relevância*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade de Caixas do Sul, 1999 (1. ed., 1997).

TANBO, K. Kakarjoshi "wa" no rikai (Compreensão do morfema de efeito modalizador "wa"). In: *Nihongogaku* (Estudos da língua japonesa), Tóquio: Meiji Shoin, v. 5, n. 2, p. 14-21, fev. 1986.

WATANABE, M. *Kokugo Kōbunron* (Teoria sintática da língua japonesa). 1. ed. Tóquio: Hanawa Shobō, 1971.

YAMADA, Y. *Nihon kōgohō kōgi* (Explicações sobre a gramática da língua japonesa moderna). Reimpresso. Tóquio: Hōbunkan, 1970 (1. ed., 1922).